



MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

M . P . L . A .

Novembro 1960

Nº 1

EDITORIAL

O GRANDE MASSACRE DE
ICOLO E BENGO

O MPLA começa a publicar o seu Boletim de Informação, destinado, antes de tudo, aos seus membros.

Porquê ?

Vinha-se sentindo a necessidade de os membros do MPLA serem informados, periodicamente e de uma maneira satisfatória, sobre a actividade do nosso Movimento.

Para que servirá este Boletim ?

Este Boletim servirá para divulgar os documentos do MPLA; para divulgar a luta do povo angolano; para levar ao conhecimento dos nossos membros e dos angolanos as démarches, os actos, as vitórias, os obstáculos e as dificuldades do nosso Movimento; para levar ao conhecimento de cada angolano a luta patriótica, permanente e incansável do MPLA em favor da independência imediata e total do povo angolano; para transmitir a cada angolano o apoio e a simpatia que a luta do nosso povo está ganhando cada vez mais em todo o mundo; para aumentar a coragem e elevar o entusiasmo e a dedicação patrióticos de cada filho de Angola afim de que a nossa luta contra a dominação colonial portuguesa possa ser cada vez mais unida, mais confiante e mais forte.

Este Buletim unirá, pela leitura, o MPLA com muitos angolanos, membros e não membros do nosso Movimento. Formulamos os votos mais ardentes e sinceros para que este Boletim contribua muito para a indispensável união combativa de todos os angolanos.

Se os angolanos não se unirem hoje em que somos todos humilhados, escravizados e explorados, como nos poderemos unir amanhã quando Angola for livre e independente e estivermos todos livres dos grandes sofrimentos coloniais ?

A união na vida, a união para construir uma Angola democrática, próspera, feliz e pacífica passa pela escola da união de todos os angolanos na luta comum contra o inimigo comum, o colonialismo português. Só poderemos estar unidos na vida amanhã se estivermos, hoje, todos unidos na luta. A luta unida contra os sofri-

A imprensa internacional assinalou em junho último a prisão pelos colonialistas portugueses de duas personalidades angolanas.

O Dr. Agostinho Neto, poeta nacionalista muito conhecido e dirigente do Movimento Popular de Libertação de Angola foi preso em 8 de junho, espancado e insultado pelo director da PIDE (a Gestapo portuguesa) em Luanda.

A 26 de junho coube a vez ao padre João Pinto de Andrade, doutor em Teologia, Chanceler do Arcebispado de Luanda, membro do Conselho Executivo da Sociedade Africana de Cultura (SAC). O padre Pinto de Andrade era perseguido pelas suas tomadas de posição anticolonialistas. Transferido para Lisboa, foi encarcerado na prisão do Aljube.

Os habitantes de Icolo e Bengo, aldeia natal do Dr. Agostinho Neto situada a poucas dezenas de quilómetros de Luanda, indignados, empreenderam uma marcha pacífica para protestar contra a sua prisão. Varias centenas de pessoas se juntaram, tendo-se dirigido depois para a sede da circunscrição administrativa de Catete. O administrador de Catete,

(Continua na pag. 9)

FELIX MOUMIE , Herói de África

Félix Roland Moumié , líder amado do povo dos Camarões , foi vilmente envenenado no decurso de uma missão ao serviço do seu povo.

Este crime põe a claro o carácter traiçoeiro do colonialismo agonizante que espera ainda manter-se custe o que custar . Quando a corrupção não serve para atingir os seus fins ele não hesita em recorrer ao assassinato ou ao massacre de todos os patriotas e em especial dos que mais

(Continua na pag. 9)

mentos comuns fraterniza os homens.

Este Boletim será, por conseguinte, um instrumento activo em favor da união indispensável de todos os angolanos.

DE NAIROBI - A pretexto de presidir as cerimónias comemorativas da passagem dos navegadores portugueses pela costa oriental de Africa, o ministro da Presidência português, Pereira, fez recentemente uma viagem ao Kênya, (país ainda sob a pata do colonialismo inglês). Tais cerimónias escondem as verdadeiras intenções dos colonialistas ingleses e portugueses - consulta mútua sobre um alinhamento de posições para impedir o imediato e livre acesso dos povos do Kenya e das colónias portuguesas à independência. O heróico povo do Kenya manifestou por meio de greves, meetings e desfiles com cartazes a sua repulsa pela presença no seu país pelo representante do mais abominável colonialismo instalado em Africa. As autoridades britânicas, responsáveis já pelo assassinato de milhares de Kenyanos, tentou impedir sem resultado as manifestações de repulsa. Fizeram-se inúmeras prisões. Interpretando o sentir do povo do Kenya, o Secretário Geral da União Sindical do Kenya fez uma declaração denunciando os massacres e os sofrimentos de que são vítimas os povos de Africa vivendo sob a dominação portuguesa. Destas manifestações não falou a propaganda portuguesa, mas certamente o Sr. Pereira fará aos seus patrões colonialistas um relato nada optimista de quanto se tornou indesejável a presença dos portugueses no nosso continente...

DE LISBOA - Depois das conversações franco-portuguesas em Paris, nos princípios de Outubro, uma missão militar francesa composta de vários oficiais superiores, chefiada pelo Sr. Pierre Messmer, Ministro do Exército francês, iniciou no dia 31 de Outubro conversações com o Estado Maior português. Do teor dessas conversações não restam dúvidas após as declarações do Ministro da Defesa português, Botelho Moniz, que se referiu "ao muito que os militares portugueses tinham a lucrar deste frutuoso contacto, dada a experiência provada dos campos de batalha pelos oficiais franceses". Trata-se, como é sabido, de oficiais franceses especialistas de guerras coloniais que vão transmitir aos oficiais portugueses os seus conhecimentos. Mais um aspecto da preparação febril dos colonialistas portugueses para impedir pelas armas o acesso do nosso povo à independência. O exército português teria mais a lucrar se se compenetrasse que, como a história o demonstra, nenhuma força do mundo é capaz de vencer a luta de um povo pela sua independência. Quanto aos franceses colonialistas eles deviam antes meditar sobre as lições de Dien-Bien-Fu, da Argélia e de uma "Comunidade" que não durou um ano...

DE LISBOA - Após a denúncia do sistema colonial português feita na ONU por um grande número de chefes de Estado e outros responsáveis, vem organizando o Governo português uma série de manifestações "espontâneas", em que tomaram parte como habitualmente os inevitáveis legionários, mocitários e outros profissionais da claqué do Estado Novo. Alguns africanos vendidos ou forçados prestaram também a sua colaboração a estas manifestações ridículas. Entre eles Pedro Borges e António Ortém, filhos indignos do povo irmão de Cabo Verde, conhecidos à muito pela colaboração que prestavam à famigerada PIDE. A justiça dos povos que ora lutam e sofrem para conquistar a vida digna que lhes foi recusada cairá um dia sobre todos os que escolheram o campo do inimigo na hora em que a luta exige que todos se unam.

O PROGRAMA MINIMO DO MPLA INDICA O UNICO CAMINHO DA NOSSA VITORIA ;
A UNIDADE NA LUTA CONTRA O INIMIGO COMUM !

UMA DELEGAÇÃO DO M.P.L.A.

DE VISITA À CHINA

A convite do Instituto Popular de Política Estrangeira da República Popular da China, delegações do MPLA e do PAI da Guiné dita portuguesa visitaram aquele país.

No dia 5 de agosto, as duas delegações foram recebidas no aeroporto de Pequim pelo Secretário-Geral do Instituto, WANG YING-PU, por dirigentes da Associação para a Amizade Afro-Chinesa e do Comité Chinês de Solidariedade Afro-asiática.

No dia 6, o Vice-Presidente do Instituto, HU YU-CHIH, ofereceu um banquete às duas delegações, ao qual assistiram numerosas personalidades políticas da República Popular da China. HU YU-CHIH e os chefes das duas delegações exprimiram nos seus discursos a necessidade de um estreitamento de relações entre os povos de Ásia e de África, afim de fazer face à ameaça permanente de agressão imperialista e de liquidar os últimos vestígios do colonialismo.

No dia 10 de Agosto, a Associação para a Amizade Afro-Chinesa e o Comité Chinês de Solidariedade Afro-asiática ofereceram uma recepção em honra das delegações de Angola e da Guiné dita portuguesa bem como das do Congo, da Serra Leoa e do Sudoeste Africano. LIU CHANG-SHENG, Presidente da Associação para a Amizade Afro-Chinesa saudou as delegações declarando:

"Os 650 milhões de chineses dão sempre um total apoio aos povos africanos e estarão sempre prontos a lutar a seu lado contra o imperialismo e o colonialismo."

O líder do MPLA, MON'A MUNDU, depois de agradecer o caloroso acolhimento do povo chinês, e de evocar a grande indignação dos povos de África, perante a agressão de que vinha sendo vítima o povo congolês, referiu-se à urgente necessidade de "se reforçar a união entre os povos de Ásia e de África, até à liquidação completa do imperialismo."

No decurso da sua estadia na China, a delegação do MPLA teve oportunidade de apreciar as experiências da Grande Revolução Chinesa. A delegação visitou igualmente o nordeste e o sul da China, verificou as razões dos notáveis êxitos conseguidos pelo povo chinês nos 11 anos que se seguiram à sua libertação, quer nos aspectos político e militar, quer nos aspectos económico, social e cultural.

No dia 20 de Agosto, em Pequim, no edifício da Assembleia Nacional da República Popular da China, realizou-se um grande meeting em que

participaram importantes personalidades chinesas e delegações africanas que se encontravam nessa altura, naquela cidade. O meeting aprovou uma resolução pela qual exprimiu o desejo de estabelecer relações de amizade com os povos de África e reafirmou a solidariedade e o apoio incondicional do povo chinês aos povos que lutam pela sua independência...

Em 10 de Setembro foram as duas delegações recebidas pelo Vice-Primeiro Ministro da R. P. da China, Marechal CHEN YI, com o qual tiveram uma cordial e longa conversação.

O MPLA prosseguiu assim um dos objectivos do seu programa: a conquista do apoio de todos os povos dispostos a apoiar, sem condições, a causa do povo angolano.

03 DE AGOSTO EM MOSCOVO

Com a presença de patriotas de ANGOLA e da GUINÉ dita portuguesa celebrou-se em Moscovo um grande meeting para exprimir aos povos dos países sob dominação portuguesa a solidariedade do povo soviético. O meeting foi organizado pelo Comité Soviético de Solidariedade Afro-asiática no quadro das celebrações do 3 de Agosto.

POR UMA LARGA FRENTE DAS ORGANIZAÇÕES PATRIÓTICAS ANGOLANAS!

JORNADA DE SOLIDARIEDADE

(Continuação da pág. 7)

Nós, povo de Goa, Damão e Diu, infortunadamente vítimas também do abominável colonialismo português, conhecemos muito bem a natureza das torturas e sofrimentos que vós estais passando e é nossa convicção profunda que só os esforços coordenados e concertados dos povos que lutam em todas as colónias portuguesas trarão um fim próximo ao regime português, velho de séculos...

Desde que o povo angolano se lançou decididamente na luta pela conquista da sua independência nunca ele deixou de encarar a contribuição que a Organização das Nações Unidas poderia dar para uma solução pacífica a curto prazo de tão grave problema. Os anos foram passando e as descaradas mentiras dos delegados portugueses àquela organização foram suficientes para impedir que a ONU empreendesse a menor acção concreta capaz de obrigar Portugal a cumprir os deveres que o Art.73 da Carta das N.U. impõe aos membros administrantes de territórios não autónomos.

Mas ninguém ignora que a ONU tem sido dominada pelas potências imperialistas. É por esta razão que até à presente sessão a ONU foi incapaz de realizar os seus princípios relativos aos povos coloniais. A ONU só aceitou transformações nos países colonizados, ou quando a isso foi obrigada pela luta dos povos colonizados, ou quando os colonialistas a ceitavam que se operassem, nas suas colónias; "transformações" que não eram mais que novas formas de colonialismo. Exemplo bem frizante é o que se tem passado com o Sudoeste Africano que, devendo gozar de um estatuto de "território sob tutela" (mais vantajoso que o de "território não autónomo"), se vê pura e simplesmente anexado pela União Sul Africana, sem que no decorrer dos seus 15 anos de existência as Nações Unidas tenham conseguido fazer cumprir uma das suas resoluções adoptadas em cada ano contra a posição sul africana.

Pouco a pouco o povo de Angola foi constatando que eram ingénuas as esperanças que depositava nas Nações Unidas e que devia antes preparar-se para enfrentar sózinho as violências e as arbitrariedades praticadas pelos colonialistas portugueses perante a passividade da ONU. Esta atitude do povo angolano é justa.

Uma independência oferecida é sempre uma falsa independência. A liberdade de um povo foi sempre conquistada pela luta. O colonialismo é violento e sanguinário por natureza. O colonialismo só perderá os seus instintos de violência e de crime quando desaparecer completamente. Os colonialistas nunca se poderão converter em "amigos compreensivos" dos povos colonizados. Até hoje, nenhuma independência foi conquistada sómente por meios pacíficos. Aqueles países que parecem ter conquistado a sua independência por "meios pacíficos", beneficiaram, na realidade da luta armada dos outros povos escravizados pelo mesmo país imperialista. Foi a luta armada dos povos do Viet-Nam, da Tunísia, do Marrocos e da Argélia que obrigou a França a "conceder" a independência às suas outras colónias de África. Porque a França tinha medo de perder tudo no caso de se abrirem outras frentes de luta armada nas restantes colónias. Além disso não devemos esquecer que os povos da Guiné, do Senegal, do Mali, da Costa do Marfim, etc., também lutaram com valentia pela sua independência.

Tudo isto fez com que o povo angolano compreendesse que para conquistar a independência e a liberdade todos os meios são bons. São aliás os colonialistas que obrigam os povos colonizados a adoptar esta ou aquela forma de luta.

Entretanto a política internacional sofreu este ano transformações notáveis, sobretudo no que diz respeito à África, onde 16 países representando cerca de 80 milhões de habitantes adquiriram a independência política. Os 100 Membros da ONU passam pois a ser constituídos por 45 países afro-asiáticos, dos quais 26 africanos (incluindo Madagascar e excluindo a União Sul Africana). O bloco africano passou pois a ter um papel decisivo na aprovação das resoluções, e a ONU não poderá deixar de se ressentir deste facto. A posição dos colonialistas portugueses está agora seriamente comprometida, pois mesmo uma grande parte dos países do campo imperialista que o apioavam viram-se obrigados a mudar de atitude para conquistarem as simpatias dos países africanos. É significativa a crítica "amarga" que a imprensa portuguesa faz à posição africana dos Estados Unidos... A Comissão de Tutela aprovou mesmo já uma resolução obriga do Portugal a dar informações sobre os progressos político, social e económico das suas colónias, em consequência dum relatório apresentado por um Comité especial, estabelecendo os princípios que esclarecem definitivamente que as "províncias ultramarinas" portuguesas são colónias e que portanto Portugal

não pode continuar a servir-se desse argumento para fugir a pôr a nú a miséria dos povos que sofrem a sua humilhante dominação.

As justas e violentas críticas de que foi alvo a política colonial portuguesa nesta XV Assembleia Geral da ONU, por parte de individualidades como os presidentes Sékou Touré, Nkrumah, N. Khrouchtchev e o Vice-Presidente Tchitchelle, entre outros, assim como a aceitação de se discutir em Assembleia Geral a "Declaração sobre a outorga da independência imediata aos países e aos povos coloniais", proposta pela delegação soviética e apoiada pelos países afro-asiáticos, trouxeram uma nova importância à questão das colónias portuguesas na ONU.

Já em 13 de Setembro, com vista à XV Sessão da ONU, o MPLA enviara aos Estados Membros um incisivo APELO, justificando a necessidade da inscrição na Ordem do dia da Assembleia Geral do problema dos territórios sob dominação portuguesa. Ao mesmo tempo enviou o MPLA uma carta ao Secretário Geral da ONU, pedindo que delegados seus fossem ouvidos na 4ª Comissão sobre a situação em Angola. Apesar da resposta negativa a este pedido, o MPLA não se poupa a esforços no sentido de tentar obrigar as Nações Unidas a uma análise objectiva e a uma atitude consequente, em relação à questão angolana. Independentemente de outras formas de acção planeadas pelo MPLA junto das Nações Unidas, uma DECLARAÇÃO foi recentemente publicada, na qual depois de denunciar o novo massacre de que foi vítima a população de Icolo e Bengo, o MPLA se congratula com a solidariedade manifestada pelos Chefes de Governo acima referidos e define a sua posição quanto à imperiosa necessidade de se debater o problema das colónias portuguesas com o apoio activo dos países afro-asiáticos, responsabilizando o governo português pelo conflito sangrento que pode vir a declarar-se em Angola.

Perante a forma desastrosa como as Nações Unidas intervieram no Congo, o povo angolano deve mais do que nunca preparar-se para lutar por todos os meios e por todas as formas a que fôr abrigado pelos colonialistas portugueses. Ao tentar "colorir" a sua delegação à ONU com três traidores à causa do nosso povo, o governo português demonstra-nos que não poupará esforços para lançar no nosso seio o gérmen da desunião e da traição. É com clara consciência desse perigo que o MPLA, no seu SEGUNDO APELO A UNIDADE, insiste na necessidade urgente de união de todas as organizações patrióticas numa larga frente nacional, capaz de aniquilar o nosso mais directo inimigo, o colonialismo português, paralizar a tempo todas as manobras imperialistas que tentem fraccionar a pátria e o povo angolanos e liquidar todas as formas de neo-colonialismo que os colonialistas portugueses e de outros países estão preparando para introduzir em Angola.

UNAMO-NOS NA LUTA CONTRA O COLONIALISMO PORTUGUES !

Telegramas enviados pelo MPLA

JANIO QUADROS - PRESIDENTE DA REPUBLICA ELEITO - SAO PAULO - BRASIL
FELICITANDO VOSSA EXCELENCIA POR SUA VITORIA MANIFESTAMOS ESPERANCA CONDENAÇÃO DESAPOIO BRASIL FACE COLONIALISMO PORTUGUES STOP POVO ANGOLA ESPERA SOLIDARIEDADE POVO GOVERNO BRASILEIROS PELA SUA LUTA INDEPENDENCIA NACIONAL
POR MOVIMENTO POPULAR DE ANGOLA MARIO ANDRADE PRESIDENTE

SECRETARIO GERAL ONU - NEW YORK
MEMBRES FAMILLES SOUFFRANTES ANGOLA REJETTENT DECLARATIONS HONTEUSES ET MENSONGERES REPRESENTANT PORTUGAL STOP DECLARATION MONSIEUR TCHITCHELLE TRES VERIDIQUES STOP DEMANDONS LIBERATION MILLIERS PRISONNIERS ARBITRAIRES ET ARRET BARBARE COMMISES PAR PORTUGAL ANGOLA STOP DEMANDONS BLOC AFRO ASIATIQUE APPUYER VIRIATO ANDRADE FULL-STOP
MOUVEMENT POPULAIRE LIBERATION ANGOLA (Secção de Léopoldville)

LUTEMOS UNIDOS POR UMA ANGOLA LIVRE E INDEPENDENTE !

JORNADA DE SOLIDARIEDADE
PARA COM OS POVOS DOS PAISES AFRICANOS SOB DOMINAÇÃO PORTUGUESA

De acordo com uma decisão da Conferência dos Povos Africanos de Tunís, celebrou-se no dia 3 de Agosto, 1º aniversário do massacre de Pijiguiti, a Jornada de Solidariedade para com os povos dos países africanos sob dominação portuguesa.

O MPLA e o PAI por intermédio da FRAIN, fizeram editar várias brochuras danço a conhecer em pormenor a situação política, social e económica dos países africanos sob regime colonial português. Uma larga difusão dessas brochuras permitiu que inúmeras organizações afro-asiáticas pudessem expor com clareza, nos meetings organizados nesse dia, a verdadeira situação dos nossos povos. Um postal comemorativo foi também editado e enviado para todo o mundo. Centenas de organizações e individualidades de Africa, Ásia e Europa enviaram telegramas ao Governo português denunciando as torturas e as prisões em massa e exigindo a libertação dos patriotas africanos. O MPLA e o PAI receberam também numerosas mensagens de solidariedade de organizações de todo o mundo, sendo de destacar entre outras as da All African People's Conference, do Goan Political Convention, do Comité Chinês para a Solidariedade Afro-Asiática, do Indian Association for Afro Asian Solidarity, dos professores, alunos e empregados da Universidade de Leipzig, do Comité Soviético de Solidariedade Afro-Asiática, etc.

Ao apelo lançado na República da Guiné pelos representantes do MPLA e do PAI respondeu todo o povo da Guiné realizando vibrantes meetings contra o colonialismo português em todas as circunscrições administrati-

vas. Em Conakry, em presença de dirigentes do Partido Democrático da Guiné, do MPLA, do MIGC (Secção local do PAI), de membros do Corpo diplomático e de muito público, os camaradas TOURÉ Fodé, pelo PDG, e Mario de ANDRADE, presidente do MPLA depuseram uma coroa de flores no Monumento aos Mártires do Colonialismo, tendo-se observado um minuto de silêncio. Em nome da União das Populações do Kamerun, um dos seus Vice-Presidentes, o camarada Abel Kingue e Mme. Felix Moumié depuseram também uma coroa de flores. Posteriormente, na sala de Congressos do PDG realizou-se um importante meeting de solidariedade. Perante uma sala à cunha discursaram o Secretário Político de Conakry I, camarada KEITA Ousmane, um natural da Guiné dita portuguesa e o Presidente do MPLA, Mário de Andrade. A massa vibrou de indignação às denúncias feitas sobre o colonialismo português. A ambas as cerimónias assistiram representantes do Corpo diplomático acreditado na República da Guiné, nomeadamente da República Popular da China, de Israel, da Polónia, do Viet-Nam, da Jugoslávia, da República Democrática Alemã e da República Federal Alemã. O MPLA regista muito sensibilizado o elevado espírito com que o povo da Guiné comemorou a Jornada do 3 de Agosto.

Seguem-se extratos de algumas das mensagens recebidas pelo MPLA e a FRAIN, pela comemoração do 3 de Agosto.

Mensagem do COMITE SOVIETICO DE SOLIDARIEDADE AFRO-ASIATICA

"Nós, representantes da população de Moscovo, reunidos hoje conforme a decisão da Conferência dos Povos Africanos de Tunís, para proclamar a nossa solidariedade fraternal para com os povos em luta contra os colonialistas portugueses, pela liberdade e a independência, nós estigmatizamos os escravagistas fascisantes e exigimos a outorga imediata da independência nacional aos povos que sofrem ainda sob o jugo da escravidão colonial."

Depois de protestar contra a arbitrariedade fascista e reclamar a libertação imediata dos patriotas encarcerados nas masmorras dos colonialistas portugueses, a mensagem termina nestes termos:

"Os Soviéticos estão convencidos que Angola, Moçambique e os outros territórios oprimidos hoje pela clique de Salazar, conquistarão a independência apesar de todos os obstáculos.

"O povo da URSS apoia de todo o coração a justa luta dos povos das colónias portuguesas pela sua liberdade e independência e deseja aos seus irmãos plena vitória nessa luta sagrada."

O referido comité enviou ainda ao governo português o seguinte telegrama: O COMITE SOVIETICO DE SOLIDARIEDADE AFRO-ASIATICA, INTERPRETANDO O SENTIR DE TODOS OS SOVIETICOS EXIGE A CESSAÇÃO IMEDIATA DO PROCESO MONTADO CONTRA OS PATRIOTAS DE ANGOLA CUJO UNICO "CRIME" CONSISTE EM DESEJAR VER A SUA PATRIA LIVRE DA ESCRAVATURA COLONIAL; EXIGIMOS A SUA LIBERTAÇÃO IMEDIATA !

Da Mensagem do COMITE CHINES DE SOLIDARIEDADE AFRO-ASIATICA

"O povo chinês manifesta a sua profunda simpatia e o seu firme apoio à justa luta travada pelos povos das colónias africanas de Portugal contra o colonialismo e pela independência nacional, e exprime as suas sinceras saudações aos povos desses países."

Depois de se referir aos métodos bárbaros da colonização portuguesa, ao apoio dado pela OTAN a Portugal para repressão dos movimentos nacionais e ao pânico de que os colonialistas estão tomados face ao recrudescimento da luta dos povos oprimidos, a mensagem afirma :

"Os 650 milhões de chineses põe-se firmemente ao lado dos povos das colónias africanas de Portugal e condenam severamente a repressão sangrenta exercida pelos colonialistas portugueses contra os povos de Angola e das outras colónias portuguesas de Africa. Nós exigimos firmemente que os colonialistas portugueses ponham fim imediatamente a todos os massacres e persiguições contra os povos destas regiões, libertem imediatamente todos os patriotas presos e anulem os julgamentos injustos".

Da Mensagem da ASSOCIAÇÃO INDIANA PARA A SOLIDARIEDADE AFRO-ASIATICA

"A A.I.S.A.-A. dá o seu pleno apoio e suporta com todo o coração o apelo da II Conferência dos Povos Africanos pela observância em 3 de Agosto de 1960 do Dia de Solidariedade para com os povos da África sob dominação portuguesa"... "Naturalmente, nós, na Índia, temos uma especial afinidade com a luta dos povos das colónias africanas de Portugal. O regime português permanece ainda no nosso solo e a pesar dos desejos do povo de Goa e dos seus irmãos da Índia, a pesar da opinião internacional, Portugal continua arrogantemente em Goa. Pelo 3 de Agosto, apelamos para todo o povo e organizações para apoiarem sem reserva os povos dos territórios portugueses em Africa, que estão lutando heroicamente pelos seus direitos, pela libertação dos seus companheiros e pela sua liberdade."

Da Mensagem da UNIVERSIDADE DE LEIPZIG

"No dia de solidariedade para com os países sob dominação colonial portuguesa os Estudantes, Professores e Empregados da Universidade de Leipzig declaram-se solidários com os patriotas africanos que lutam pela independência da sua Pátria. Enviamos ao Governo português um protesto que diz, entre outras coisas: No aniversário do assassinato de 50 Guineenses em Pijiguiti, os Estudantes, Professores e empregados da Universidade de Leipzig protestam contra o terror colonialista nas colónias portuguesas, isto é, contra a prisão de milhares de Africanos, entre os quais Ilídio Machado e Agostinho Neto, contra os preparativos de guerra colonial e contra a escravização dos habitantes através do sistema de "contrato"...

Da Mensagem do GOAN POLITICAL CONVENTION

"Em resposta ao apelo de Tunis, aproveito a oportunidade para vos informar que o Conselho Central do Goan Political ting de 31 de Julho de 1960 resolveu enviar uma mensagem em nome do povo de Goa, Damão e Diu, exprimindo a sua solidariedade para convosco e apoiando a vossa heróica luta incessantemente intensificada contra os imperialistas portugueses em Angola, Moçambique e outras colónias africanas de Portugal.

(continua na página 3)

Jornada de Solidariedade com Goa

No próximo dia 25 de novembro celebra-se uma Jornada de Solidariedade para com os patriotas de Goa. Apêlamos para todas as organizações patrióticas das colónias portuguesas para que manifestem a sua solidariedade aos patriotas goeses por meio de cartas, telegramas e todas as formas ao seu alcance. Poderão comunicar com o seguinte endereço :

GOAN POLITICAL CONVENTION, Kamani Chambers, Nicol Road, Kumpta Street, Ballard State, BOMBAY 1, India.

U. D. E. A. N.

A UNIAO DOS ESTUDANTES DA AFRICA NEGRA (UDEAN) que agrupa os estudantes dos territórios sob dominação portuguesa tem desenvolvido intensa actividade dentro dos objectivos que se propõe. Da sua participação activa nos congressos da Assembleia Mundial da Juventude (Accra) e da Conferência dos Estudantes Africanos (Londres), da União Internacional dos Estudantes (Bagdad e no Seminário dos Estudantes em Dubrovnik (Jugoslávia) resultaram não só uma firme denúncia do sistema colonial português e dos males que este causa à nossa juventude, mas também uma maior possibilidade de aquisição de bolsas para os nossos estudantes.

Reproduzimos a seguir o texto da resolução da Conferência dos Estudantes Africanos de Londres, respeitante aos territórios portugueses :

"A CONFERENCIA DOS ESTUDANTES AFRICANOS :

1) Dá o seu inteiro apoio à luta dos povos das colónias portuguesas e condena vigorosamente as brutalidades e massacres praticados pelos colonialistas portugueses ;

2) Chama a atenção dos governantes e povos do mundo inteiro sobre as graves consequências que decorrem da política de guerra levada a cabo pelo governo português ;

3) Apela para todos os Estados Afro-Asiáticos para fecharem os respectivos espaços aéreos, aeroportos e portos aos aviões e navios portugueses; cortarem relações diplomáticas com Portugal; darem apoio material às organizações nacionalistas africanas que combatem o colonialismo português ;

4) Apoiar sem reservas o apelo dos povos das colónias portuguesas, nomeadamente o que o Movimento Popular de Libertação de Angola fez em

13 de Setembro 1960 aos membros das Nações Unidas, com vista à inscrição da questão dos territórios sob dominação portuguesa na Agenda da XV Sessão da Assembleia Geral da ONU; e

5) Apela para todos os Estados Afro-asiáticos para que eles exerçam os seus esforços e as suas influências nesse sentido.

Massacres em Moçambique

Em Setembro, nas vizinhanças de Mueve, porto de Moçambique perto da fronteira com o Tanganyika, as autoridades coloniais prenderam dois africanos, o que provocou uma indignada manifestação de protesto por parte da população. O governador do Nyassa, fingindo querer ouvir as razões da população, pediu-lhes que se concentrassem no porto. Quando tal aconteceu, o governador apareceu com uma companhia de soldados a que ordenou que fizesse fogo sobre a população. Mais de cem africanos foram assassinados.

Segundo as próprias autoridades do distrito do Nyassa, em resultado da falta de mantimentos na região de Mueve, morreram de fome em 1959 mais de cinco mil africanos...

O MPLA exorta o povo de Moçambique a intensificar a sua luta pela independência, consciente de que as vitórias do povo moçambicano são vitórias também do povo angolano.

Resolução do Conselho Indiano para a Paz

"...Esta Conferência dá o seu apoio total aos movimentos enquadrados na Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das colónias portuguesas e à corajosa resistência dos povos de Angola, de Moçambique e Guiné (dita portuguesa), Cabo Verde e S. Tomé.

Esta Conferência envia as mais calorosas saudações aos heróis angolanos que, sem defesa, estão sendo julgados em Luanda por um tribunal fascista especial, e deseja-lhes um rápido triunfo sobre os portugueses imperialistas, fascistas e esclavagistas."

In "FREE GOA". de 25/8/1960.

VIVA A LUTA UNIDA DO POVO ANGOLANO!

Pouco a pouco, mas a passos seguros, os povos das diferentes colónias africanas de Portugal foram-se organizando para desencadear uma luta sem tréguas aos seus opressores.

A luta pela organização no interior teve de ser acompanhada de uma acção intensa no sentido de denunciar e agitar internacionalmente a situação nas colónias portuguesas. Nessa missão o MPLA trabalhou lado a lado com o Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) através da FRAIN. Esse trabalho revelou-se notavelmente fecundo e abriu largas perspectivas à luta contra o colo-

O GRANDE MASSACRE DE ICOLO E BENGÓ

(Continuação da pag. 1)

Quando conhecimento do facto, apressou-se a telefonar para Luanda pedindo reforços de polícia, ao que se diz. E quando os manifestantes chegaram face ao edifício da Administração, encontraram duas companhias de soldados metropolitanos que fizeram fogo sobre eles, obrigando-os a retirar-se, deixando atrás de si cerca de trinta mortos e duas centenas de feridos.

O massacre não acabou ali. No dia seguinte os mesmos soldados foram enviados a Icolo e Bengo que PILHARAM, ARRASARAM e INCENDIARAM completamente, prendendo uma parte da população que foi enviada para o TRABALHO FORÇADO, se é que não foi pura e simplesmente suprimida. O acesso a esta região esteve proibido durante muito tempo; após os acontecimentos; relatações.

Segundo as últimas notícias de Lisboa, que o Bureau de Londres do MPLA comunicou à imprensa internacional, o Dr. Neto foi deportado para Sto. Antão, arquipélago de Cabo Verde, acompanhado de sua esposa e filho, num avião militar.

Dezenas de trabalhadores e estudantes angolanos que residem em Lisboa quiseram estar presentes à partida do líder do MPLA. Este gesto porém não agradou à PIDE que tentou dispersar os nossos compatriotas e prendeu os angolanos Pedro Filipe e Gastão. No dia seguinte todos os estudantes residentes no Lar dos Estudantes Evangelistas Angolanos foram chamados à sede da PIDE e submetidos a um apertado interrogatório, identificados, fotografados e postos depois em liberdade.

nialismo português.

As autoridades colonialistas de Bissau, incapazes de travar o andamento da luta pela independência, tentam levar a cabo um plano pelo qual determinados postos-chave da administração, passarão (teoricamente) para a mão de certos africanos traidores ou inconscientes, para dar ao povo a impressão de uma maior tendência para a democracia.

Os povos da Guiné e de Cabo Verde, mantêm-se porém vigilantes e cerram cada vez mais fileiras em torno do seu partido de vanguarda; o PAIGC e dos movimentos a ele ligados, certos de que só assim poderão lutar pela realização do seu programa: união de todas as forças patrióticas para a luta contra o colonialismo português; independência imediata, total e incondicional, unidade entre os povos da Guiné e Cabo Verde e unidade africana; regime republicano, democrático e laico; reconstrução económica e desenvolvimento da produção; progresso na base do trabalho e da justiça social; desenvolvimento da instrução, da cultura e da educação; defesa nacional eficaz e ligada ao povo; interdição de bases militares estrangeiras; política exterior de paz, amizade e colaboração com todos os povos na base dos princípios de Bandung e da Carta das Nações Unidas; não adesão a blocos militares.

FELIX MOUMIE, Herói de África

(Continuação da pag. 1)

vigorosamente denunciavam as suas maquinações.

Juntamente com um grupo de patriotas camaroneses, entre os quais o valoroso líder Um Nyobé, também cobardemente assassinado pelos colonialistas franceses, Félix Moumié fundou a União das Populações dos Camarões, partido que desempenhou um papel decisivo na luta pela independência dos Camarões, e que se mantém de armas na mão em luta contra um regime anti-popular, instrumento dos néo-colonialistas.

O povo de Angola, pelo qual Moumié levantou a voz nos tempos sombrios do silêncio que lhe era imposto, e o M.P.L.A. inclinam-se dolorosamente perante o corpo de seu irmão Camaronês, certos de que os princípios pelos quais se bateu heróicamente sairão vitoriosos contra os colonialistas, os imperialistas e os seus agentes africanos.

O PROGRAMA MINIMO DO MPLA INDICA O UNICO CAMINHO DA NOSSA VITORIA :
A UNIDADE NA LUTA CONTRA O INIMIGO COMUM !

P R O G R A M A M I N I M O
D O
M O V I M E N T O P O P U L A R D E L I B E R T A Ç Ã O D E A N G O L A

Na hora actual, o inimigo concreto e imediato do povo angolano são os colonialistas portugueses e os seus agentes, os quais vêm utilizando todos os meios - a violência, o assassinato, o maquiavelismo e o subterfúgio; a força militar, o poder político e económico, e o obscurantismo cultural - para manter a soberania portuguesa em Angola e continuar a oprimir e a explorar o povo angolano.

O M.P.L.A. luta pelo seguinte programa mínimo :

a) Criação urgente de uma sólida Frente angolana de libertação que agrupe numa larga união, todos os partidos políticos, todas as organizações populares, todas as forças armadas, todas as personalidades eminentes do país, todas as organizações religiosas, todas as nacionalidades ou etnias de Angola, todas as classes sociais africanas, todos os angolanos residentes no estrangeiro, sem distinção de tendências políticas, de condições de fortuna, de sexo, de idade, com o fim de prosseguir a

b) Luta, por todos os meios, pela liquidação em Angola, do domínio colonial português e de todos os vestígios de relações colonialistas e imperialistas, e pela independência imediata e completa da pátria angolana.

c) Defesa constante, e em primeiro lugar, dos interesses das massas camponesas e trabalhadoras, os dois grupos mais importantes do país e que constituem, no conjunto, a quasi totalidade da população de Angola.

d) Aliança com todas as forças progressistas do mundo, e conquista da simpatia e do apoio de todos os povos à causa da libertação do povo angolano

O BOLETIM SERA TANTO MAIS VIVO QUANTO MAIOR FOR O CONTACTO
COM OS SEUS LEITORES

Enviem as vossas CRITICAS, SUGESTOES e NOTICIAS para
M.P.L.A. - Boletim - B.P. 800
Conakry - République de Guinée